



MENCIONE-SE, PUBLIQUE-SE
E EXPEÇA-SE

7, 01, 2003

Duarte Pedro

REQUERIMENTO N.º 1560 /IX (1ª) - AC

Exm.º Senhor

Presidente da Assembleia da República

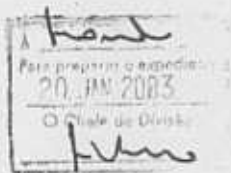
Lisboa, 17 de Janeiro de 2003

Apresentado por: Deputados Sónia Fertuzinhos, Paulo Pedroso, José António Vieira da Silva e António Braga, do Partido Socialista

Assunto: Discriminação de criança com trissomia 21

O Duarte, criança portuguesa com três anos de idade, nascido a 25 de Abril de 2000, sofre de trissomia 21.

Segundo o relato dos seus familiares, por esse facto, o Duarte e a sua família viram a sua inscrição num colégio de Braga, ser rejeitada pela direcção desse colégio, com o argumento de que o mesmo possui um regulamento interno que prevê a não aceitação de crianças com deficiência. O director desse colégio terá afirmado, ainda, que não tem nada que ver com o Ministério da Educação e com o Estado.



Estes factos, a confirmarem-se, são de uma enorme gravidade, particularmente num momento em que a Assembleia da Republica aprovou já, na generalidade, projectos de diploma que regulam os preceitos constitucionais de não discriminação das pessoas com deficiência.

Face à informação existente, amplamente constante da carta de uma familiar do Duarte que anexamos, os deputados abaixo assinados solicitam aos senhores Ministros da Educação e da Segurança Social e do Trabalho, o esclarecimento das seguintes questões:

- Tem o Governo conhecimento desta situação e pode confirmar a veracidade dos factos relatados?

- A confirmarem-se os mesmos, desencadeou o Ministério da Educação, nomeadamente através da Inspeção-geral da Educação, alguma iniciativa?

- Pode o Governo informar se esta instituição de ensino recebe ou recebeu algum apoio público?

- Pode o Governo informar se o dito colégio tem Contracto de Associação com o Ministério da Educação? E se o tem, que tipo de compromissos estão inseridos nesse protocolo?

Apresentamos a Vossa Excelência os nossos melhores cumprimentos,

Os Deputados

Souza

António

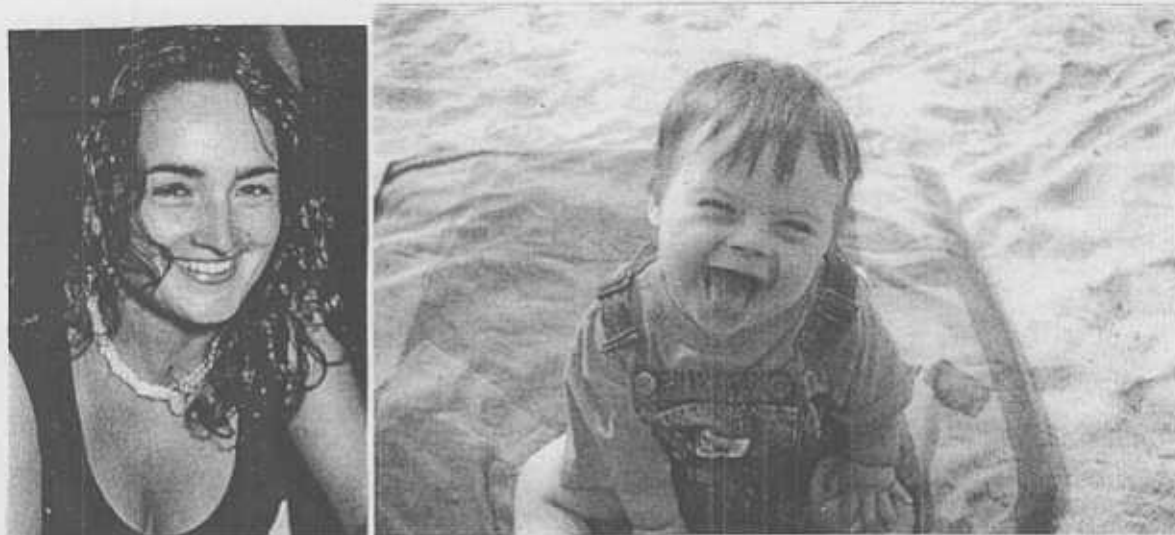
Boa

Vieira da Silva

J. Alves

Paulo Santos

Apelo – Por Amor



O Duarte está para fazer três anos. Nasceu no dia 25 de Abril de 2000. Nasceu no dia mais longo dos cravos, da revolta e da conquista. Num suposto dia de liberdade. Pequenino, um pouco abaixo da média, com olhos de amêndoa, o nosso Duarte tinha trissomia 21 e obrigou-nos a rasgar à pressa a imagem do bebé sonhado de olhos pestanudos como os do João, seu irmão mais velho.

O céu dos Gauleses caiu inteiro sobre as nossas cabeças. O bebé mais esperado do mundo nasceu diferente!

Ninguém dormiu na noite mais longa dos cravos vermelhos. Em peregrinação pela casa assaltou-me, repetidas vezes, o propósito de jogar pela varanda a Senhora da Assunção, imagem envelhecida que preside a todos os ofícios da sala lá de casa. Não se faz, Santa! Depois, com os olhos ainda rasos de água e cloreto de sódio, lá voltei a erguer as mãos ao céu. – Não me abandones, Senhor. Não sei andar sozinha no deserto.

E Deus voltou, calado como sempre, mas voltou. E, com Deus volta sempre a alegria. Éramos, até ao dia 7 de Janeiro de 2003, uma família feliz. O meu irmão e a minha cunhada, pais orgulhosos do sorriso do seu “chinoca”. O João alegre porque o seu irmão diferente é muito giro e eu, uma tia - madrinha completamente apaixonada pelas gargalhadas e traquinices do Ducas. Até o Natal passou a ser uma festa maior.

Pois, mas começa a estar na hora do Duarte ir brincar com os outros meninos. Aprender a vida de todos os ângulos, para, pela interacção, chegar devagarinho onde os outros vão depressa.

O João quer muito que o irmão vá para o seu colégio. No colégio D. Diogo de Sousa estão todos os seus amigos. O João adora o colégio e quer o seu irmão por perto para, de quando em vez, lhe ir dar beijos. Quer o João e queremos nós. O Colégio D. Diogo de Sousa reúne condições excepcionais de segurança, profissionalismo e garante continuidade ao percurso escolar do Duarte desde o pré-escolar até ao Secundário. Além disso o Duarte já anda, não necessita de meios alternativos de comunicação e não impõe ao colégio qualquer tipo de investimento em adaptações materiais.

Mãe amantíssima, minha cunhada, dois meses antes do período de matrículas foi ao colégio manifestar o desejo e apresentar as razões pelas quais

pretendia matricular o Duarte no ensino pré-escolar da Instituição. O responsável pelos serviços administrativos ouviu atentamente e ficou apenas de consultar o senhor director para, na semana seguinte, lhe dar uma resposta que, em princípio, seria positiva.

Dois meses depois, no dia 7 de Janeiro, estavam abertas as matrículas e nada havia sido dito. Era pois urgente proceder à matrícula antes de se esgotarem as vagas.

O funcionário da secretaria recebeu os documentos, ausentou-se e voltou devolvendo tudo à minha cunhada porque, por ordens superiores, não podia aceitar aquela matrícula.

-Desculpe, o seu filho tem trissomia 21. Tenho ordens para não aceitar.

Claro que os corações, às vezes, explodem e acredito que o da Ângela lhe tenha caído aos pés. O meu irmão e eu corremos para ouvir as razões sem razão do funcionário superior que dera a ordem.

Lavada em lágrimas, a minha cunhada, jurava que nunca lhe perdoaria a humilhação de, em presença de vários pais, ver recusada a matrícula do seu filho. Como iria explicar ao João que o irmão que ele adora não pode ir para o colégio que ele adora?!

Às 20.30h, depois de esgotados todos os argumentos, foi marcada uma audiência com o director do colégio para as 9.30h do dia seguinte.

Às 9.30h em ponto, no gabinete, minha cunhada repetiu tim-tim por tim-tim tudo o que se tinha passado. Poucos minutos depois das 9.30h o senhor director, Padre Marques, disse calma, serenamente e com um sorriso levemente esboçado que o alto funcionário até havia intercedido a favor da matrícula do Duarte, simplesmente, ele não aceitou.

- Sou director deste colégio e reservo-me o direito de seleccionar os alunos. Não tenho nada que ver com o Ministério da Educação nem com o Estado. Só aceito alunos que reúnam condições para o frequentar. Há um regulamento interno que prevê essa determinação. O seu filho é deficiente e eu não aceito deficientes. É o seu filho como poderia ser o filho desta senhora. Disse, dirigindo-se-me.

Sou absolutamente incapaz de enunciar o que me atravessou durante a infância. Senti o chão abrir-se debaixo dos pés e a vista turva. Tão turva que posso jurar, por momentos, deixei de ver o padre de feições suaves e senti-me na presença de Eugene Fischer. Sim, esse mesmo que, no século passado, escreveu um tratado sobre "Os Princípios da Hereditariedade Humana e Higiene da Raça." Obra de eleição de Hitler e do movimento eugénico Nazi.

De cabeça quente, contactamos os órgãos de comunicação social. A notícia apareceu no JN e no Diário do Minho. As reportagens das televisões foram travadas. Quem seria? Será que eu vi direito e Eugene Fischer voltou mesmo, trazendo com ele a impunidade da segregação aberta e com todas as letras?

Por Deus, será admissível que na aurora do século XXI dois irmãos sejam separados e sua família enxovalhada publicamente? Será admissível que tenham que expor a sua vida para ter o que a Constituição da República Portuguesa, a Declaração Universal dos Direitos do Homem e todas as Convenções internacionais sobre os direitos da criança determinam?

Será possível que num Estado de Direito, num país democrático, existam regulamentos internos de colégios católicos obscenamente imorais e acima de todas as leis? Não posso acreditar. Não é verdade! Não pode ser!

Mas, enquanto as entidades competentes resolvem a queixa que lhes chegou o que foi feito das determinações do artigo 2.º da Convenção sobre os direitos da criança que reza assim: “Os Estados Partes comprometem-se a respeitar e a garantir os direitos previstos na presente Convenção a todas as crianças que se encontrem sujeitas à sua jurisdição, sem discriminação alguma, independentemente de qualquer consideração de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra da criança, de seus pais ou representantes legais, ou da sua origem nacional, étnica ou social, fortuna, incapacidade, nascimento ou qualquer outra situação.”? Sim, o que foi feito?

Sou uma professora apaixonada pelo movimento inclusivo. Há cinco anos que coordeno uma equipa de docentes de apoio educativo e passo os dias e algumas noites às voltas com os princípios fundamentais da escola inclusiva, os seus pressupostos teóricos e implicações práticas. Há cinco anos que cruzo a taxonomia de Bloom e as Inteligências Múltiplas de Gardner com umas coisas da Modificabilidade cognitiva de Feurestein e as Zonas de Desenvolvimento proximal de Vygotski para explicar aos professores e pais a convivência tranquila de alunos com diferentes níveis de realização escolar.

Sei que a escola é aquilo que dela quisermos fazer. A escola, o mundo e a nossa casa. Tudo depende de nós. Não somos senhores absolutos do destino, mas somos os únicos capazes de o enfrentar no fundo dos olhos para o demolir e desenhar de novo.

Em Setembro, terminei um artigo de opinião sobre os ataques terroristas em Nova Iorque com as mesmas palavras com que me proponho encerrar esta conversa aflita.

“Que o rescaldo da tragédia nos faça, pelo menos, perceber que somos todos alvos possíveis. E, porque o futuro do mundo se joga nas ruas de todas as vilas e cidades, que entre nós saibamos compreender e respeitar a diferença de outros rostos e credos. Que entre nós deixemos de nos divertir com bandarilhas e sangue de toiros, para que, com sensatez, possamos ensinar aos homens de amanhã que, como diz Júlio Machado Vaz, o passado não se esquece mas negocia-se e o futuro pertence aos que reconhecem hoje que ontem não estavam certos. O futuro pertencerá aos homens de boa vontade se até lá os cegos de fúria o não impossibilitarem com bombas e ódio. Só nos resta esperar que ganhe o amor. Eu acredito que o amor vencerá, haja o que houver. Eu acredito que as cidades se erguem das cinzas e que é por amor que os homens se levantam do chão e atravessam os séculos.”

Por amor, aqui vos revelo o meu sorriso castamente guardado. Por amor, suplico: ajudem-nos a discutir e resolver, com serenidade, a desgraça que o poder absoluto de um só homem impõe à fragilidade de uma família insone lavada em lágrimas.



Fátima Marinho